

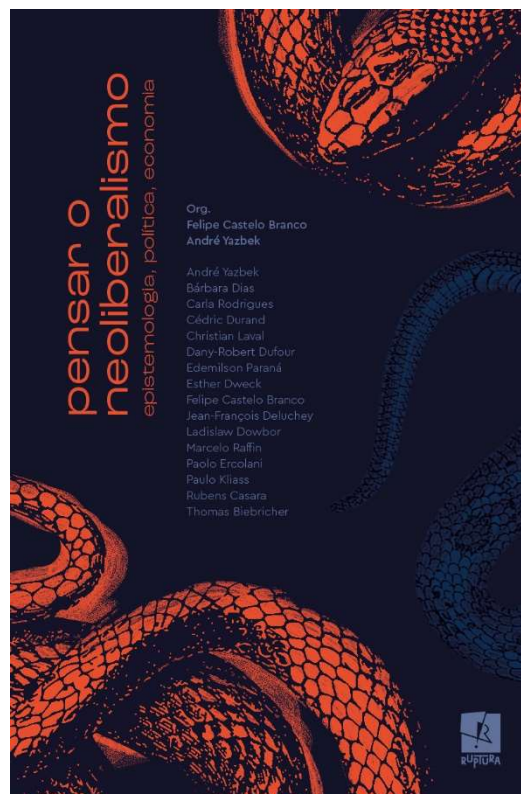
Os dentes afiados da mandíbula neoliberal

RENATO NUNES BITTENCOURT*

CASTELO BRANCO, Felipe; YAZBEK, André Constantino (Org.) **Pensar o neoliberalismo: epistemologia, política, economia**. Recife: Ruptura, 2023, 312p.

O que chamamos de Neoliberalismo permanece com plena vitalidade em nosso mundo que marcha ao ritmo apocalíptico, colapso ambiental desenfreado, pobreza estrutural de bilhões de viventes e desconfiança enraizada em relação aos poderes públicos acerca de sua presumida capacidade em enfrentar adequadamente as mazelas globais. Felipe Castelo Branco e André Constantino Yazbek coordenaram com perspicácia e diligência o livro **Pensar o neoliberalismo: epistemologia, política, economia**, que reúne, tal como um caleidoscópio, múltiplas interpretações acerca da praxeologia neoliberal, ela mesma fluida. A palavra neoliberal é imputada como um estigma para quem se encaixa em tal definição, fuge-se desse enquadramento conceitual e poucos aceitam se definir como adepto da agenda neoliberal.

As três grandes dimensões do neoliberalismo abordadas na coletânea se expressam muito além da epistemologia, da política e da



economia, circunstância que evidencia a infiltração do dispositivo neoliberal no agenciamento social do capitalismo tardio, tal como um choque de ordem inevitável, a única solução para se evitar o colapso social. Para analisarmos as filigranas do neoliberalismo precisamos recorrer ao conceituação filosófico, sociológico, psicanalítico, jurídico etc. Nenhuma interpretação singular dá conta da multiplicidade semiótica da normatividade neoliberal. As origens axiológicas do dispositivo neoliberal se encontram nos albos da modernização capitalista e a consolidação do espírito burguês pautado pelo cálculo egoísta da vida material, em que a salvação individual é a grande meta da pessoa bem-realizada. Não há satisfação plena para todos, então cabe ao pobre, ao desvalido, aceitar as circunstâncias concretas em que vive, não pensar muito,



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ.

não refletir sobre si mesmo, mas apenas trabalhar para obter o seu sustento e quem sabe o mínimo necessário para a sua subsistência. No entanto, conforme a fábula dos vícios privados, virtudes públicas, a ganância, a usura, a luxúria, o egoísmo e outras ações imputadas como imorais garantiriam, em uma perspectiva maior, o beneficiamento de toda a sociedade, já que todas as relações humanas são pautadas no autointeresse, e assim o rico depende do pobre e o pobre depende do rico. Ora, o rico quer apenas o pobre útil até segunda ordem, o pobre que poderá ser descartado quando não mais servir aos seus intentos materiais. Depois o pobre será despejado na sarjeta e sobreviverá em risco de morte constante pela miserabilidade do desalento. A mão invisível das forças ocultas do mercado não promove, tal como uma teodiceia economicista, o equilíbrio social e a inerente paz coletiva.

A retórica neoliberal sempre afirma orgulhosamente que a culpa pela degradação do tecido social decorre do pretenso inchaço do Estado, que deveria eliminar o seu papel previdenciário e se reconfigurar minimalistamente, de modo a se ceder todo protagonismo para a iniciativa privada, isto é, as ditas forças superiores do mercado e seus atores, os imputados baluartes do progresso civilizacional e da prosperidade econômica. No fundo, a ideologia neoliberal vê a pujança societária como a sua inimiga figadal, e apenas o indivíduo atomizado, autocentrado e, melhor dizendo, idiotizado, é o merecedor de todas as loas aprovativas pronunciadas pelas vozes assépticas da discursividade neoliberal. Com efeito, nessa visão de mundo reducionista, somente o indivíduo possui prerrogativas reais, jamais a pluralidade multitudinária da sociedade. Afinal, é mais fácil controlar o indivíduo do que a sociedade. Por isso

a praxeologia neoliberal, ao fim e ao cabo, legítima não apenas o cálculo egoísta para a elaboração de uma vida individualista, mas a afirmação plena da soberania do sujeito (desde que rentável e economicamente viável) sobre todas as prerrogativas da ideia de sociabilidade.

O dispositivo neoliberal quer nos fazer acreditar que somos deuses autossuficientes e autorreferentes que não dependem de nenhuma força externa para a performance da vida concreta, quando em verdade essa manipulação ideológica é apenas uma técnica de sedução para que se escamoteie o nosso caráter bestial. “Sou liberal na economia e conservador nos costumes”, dentre tantas outras afirmações orgulhosas do credo neoliberal que retratam a incompatibilidade entre vida privada e vida política entre aqueles que seguem essa praxeologia. Para solucionar a desconfiança em relação ao dito caráter burocrático do poder estatal, a panaceia da privatização se converte no grande mito da dinâmica financeira que promoverá finalmente o sucesso econômico para todos, tal como um grande bolo que, após crescer, será partilhado de maneira razoável junto ao tecido social, mas não é isso o que de fato ocorre. Concessões de autoestradas para a iniciativa privada, serviços públicos essenciais privatizados, mesmo a gestão de segurança pública é assediada pela iniciativa privada, até mesmo as penitenciárias entram na órbita da iniciativa privada e sabemos qual o interesse rentável oculto: a penalização dos pobres para que ocorra uma limpeza urbana e maior disponibilidade de mão-de-obra barata para a realização de atividades subalternas. “Privatiza tudo que todos os problemas se resolvem”, eis o mote vazio do servo-mercado que, todavia, engana muita gente na grande ceia dos bobos.

O credo neoliberal postula que a manutenção elevada da taxa de desemprego é crucial para se controlar a inflação, e assim uma grande massa humana vive em condições precárias, flexíveis, extenuada, sem maiores perspectivas de desenvolvimento qualitativo. O conservadorismo neoliberal, pessimista acerca de toda associação democrática, sataniza sindicatos, movimentos coletivos e quaisquer outras formas de unidade popular pela defesa de direitos civis e trabalhistas, daí a necessidade de se sufocar economicamente essas estruturas ao mesmo tempo em que se descredibiliza publicamente as suas operações organizacionais. O bom trabalhador reconfigurado como o “empreendedor de si” que se submete voluntariamente ao desempenho otimizado é adestrado a não participar de qualquer convenção coletiva e negociar diretamente com o patronato em alardeadas relações isonômicas, as quais, na verdade, pendem tendenciosamente para um lado, o lado do mais rico, o lado do empresário.

Ao contrário do que se acredita, o empresariado vil demanda a ação do Estado para cobrir os seus riscos empreendedores e ações inescrupulosas. O Bom Estado é o que limpa a sujeira feita pela ação inepta dos especuladores financeiros, dos plutocratas e todos os segmentos rentistas que enriquecem através das benesses fiscais concedidas pela governança associada ao lobismo empresarial. Neoliberalismo é privatista para os seus sócios e social para a divisão dos riscos junto ao grande público, abestalhado e manipulado em sua consciência infeliz. A mídia corporativa, ela mesma representante por excelência das classes dominantes detentoras dos meios de produção, sempre entoa o cântico das sereias de que uma economia potente somente se constitui quando a

estrutura estatal atua como seu suporte privilegiado, e qualquer ganho social é consequência direta dessa subserviência gerencial.

O neoliberalismo anseia pela desertificação da realidade, e assim um quadro distópico se delineia no horizonte. Os grandes apólogos do capital financeiro soberano sobre toda as configurações da estrutura civilizacional (e que assim postulam a hegemonia empresarial sobre as demandas de todas as classes sociais) não hesitam em legitimar governanças autoritárias que promovam a consolidação dos interesses plutocráticos, mesmo que através de operações ditatoriais que fazem do poder estatal uma máquina de morte sobre a sociedade civil. A ideologia neoliberal teme toda forma de democratização econômica, mesmo a mais conciliatória e reformista, pois qualquer projeto de intervencionismo estatal na atividade econômica prejudica a plena satisfação das demandas empresariais. Para se precaver contra o avanço do socialismo-comunismo e seu revolucionamento radical da sociedade, os neoliberais abraçam sem maiores pudores fascistas, nazistas e quaisquer outros projetos disruptivos direitistas. Dane-se o bem comum e o bem-viver, o que importa é o sucesso financeiro das classes dominantes detentoras dos meios de produção. Quantas ditaturas e governanças autoritárias foram chanceladas pela intelligentsia neoliberal? Mercado acima de tudo, brutalidade acima de todos. A sociedade civil deve sempre viver submetida aos critérios mercadológicos, os únicos dotados de valor para o cálculo rentável das formas de vida precarizadas e uteis apenas enquanto produtivas e consumidoras. Mesmo em suas perspectivas aparentemente mais includentes que perfazem o dito neoliberalismo progressista, adotado por

governanças da esquerda moderada conciliatória em diversas partes de nosso mundo, as contradições do Grande Capital não tardam a se manifestar, e assim vivemos todos sob uma constante maré de incerteza e de recuos que impedem um salto qualitativo real para uma substantiva democracia social que se constitua para além das forças reativas do mercado. A sabedoria prática diz que representatividade e diversidade de nada significam se não existe uma efetiva transformação estrutural da sociedade capitalista. Não será a presença virtuosa de representantes das minorias nos poderes estabelecidos e nos grandes segmentos econômicos que promoverá o revolucionamento das bases sociais excludentes e antidemocráticas.

O grande mérito de **Pensar o neoliberalismo: epistemologia, política, economia** reside no seu pujante diálogo multidisciplinar para não apenas analisar o dispositivo neoliberal, mas para também propor alternativas efetivas para o enfrentamento societário contra a máquina necropolítica que subjaz o

economicismo neoliberal (cada vez mais ousado e desmedido). Desconfiemos de quem afirma orgulhosamente de que não há alternativas sociais efetivas para a *blitzkrieg* neoliberal, desconfiemos de quem proclama o “Fim da História” e o triunfo da dita democracia liberal como um livre jogo das forças de mercado contra todas as práticas intervencionistas na economia. Uma substantiva redemocratização social para além do crivo do mercado exige uma reestruturação radical da esfera pública que perpassasse antigas relações de poder consolidadas como instâncias naturais, os currículos escolares e todo nosso sistema de ensino, o poder judiciário, as corporações militares, a produção social de informações e, obviamente, a gestão das empresas. As forças do mercado, obviamente, não aceitarão isso de bom grado, mas é mister coragem para se enfrentar essa camada engessada que mata e manda matar quem se opõe ao seu domínio.

Recebido em 2024-08-20
Publicado em 2024-08-30